



O Boletim Trimestral de Consumo de Eletricidade é o relatório da EPE que visa complementar a Resenha Mensal do mercado de energia elétrica. Nesta edição, são analisados os principais movimentos ocorridos de abril a junho de 2020 nas classes de consumo industrial, residencial e comercial, bem como a sua associação com a conjuntura econômica verificada no período.

OS PRINCIPAIS DESTAQUES DESTE TRIMESTRE



CONTEXTO

Comportamento do mercado de eletricidade semelhante à atividade econômica



COMERCIAL

Consumo do setor comercial e de serviços foi um dos mais afetados no trimestre



INDUSTRIAL

Consumo industrial de eletricidade cai 11,8% no 2º trimestre



RESIDENCIAL

Consumo residencial é o único dos três setores que apresentou crescimento no trimestre



CONTEXTO ECONÔMICO

Comportamento do mercado de eletricidade semelhante à atividade econômica

O consumo de eletricidade no Brasil retraiu 8,3% no 2º trimestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019. Em termos de classes, a maior queda foi observada no setor comercial (-21,5%), seguido do setor industrial (-11,8%), enquanto o setor residencial anotou crescimento de 2,8% no período.

O comportamento do mercado de eletricidade neste período apresentou dinâmica semelhante ao da atividade econômica, conforme pode ser visto na Figura 1. O PIB do 2º trimestre caiu 11,4% em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior, refletindo os impactos da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e das medidas de distanciamento social adotadas, que levaram à redução e paralisação de diversas atividades econômicas. Pelo lado da oferta, apenas a agropecuária cresceu no período, enquanto o setor de serviços e a indústria apresentaram quedas significativas. Analisando pela ótica da demanda, os destaques foram as quedas observadas na formação bruta de capital fixo (-15,2%) e no consumo das famílias (-13,5%).

É importante ressaltar que alguns indicadores econômicos mostram que a partir de maio, a economia brasileira passou a esboçar uma recuperação suave, na margem, o que indica que os principais impactos da pandemia se concentraram no segundo trimestre. Dentre esses indicadores destacam-se o IBC-BR – indicador de atividade econômica do Banco Central -, os índices de confiança do consumidor e da indústria da FGV, a produção industrial da PIM-PF (IBGE) e o volume de vendas no comércio varejista da PMC (IBGE).

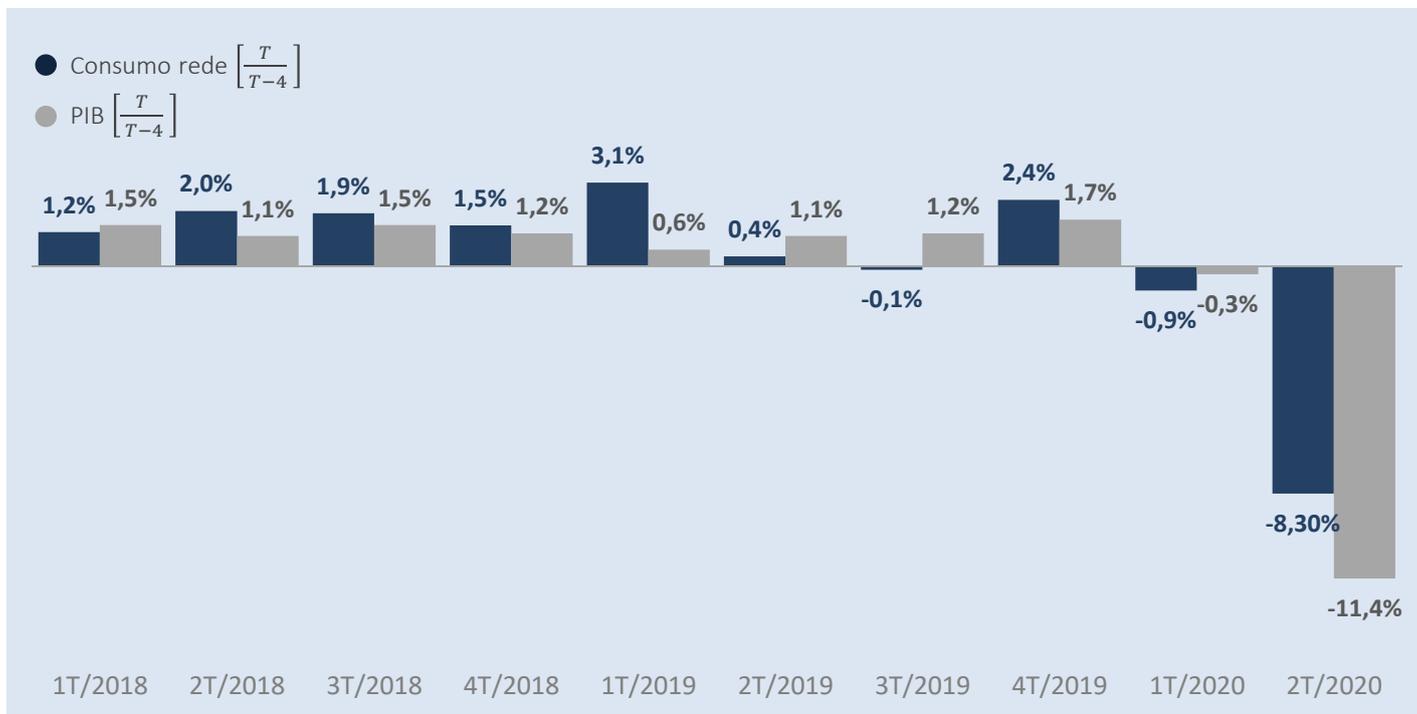
O consumo da classe industrial fechou o 2º trimestre com queda de 11,8% em relação ao mesmo período de 2019, sendo essa queda mais intensa nos meses de abril e maio. Nesse período, o valor adicionado da indústria apresentou retração de 12,7%, liderada pela transformação (-20%) e pela construção (-11,1%), enquanto a indústria extrativa apresentou crescimento (6,8%). As informações mensais da PIM-PF (IBGE) apontam que o período de queda mais intensa na produção industrial foi em abril, quando a indústria geral variou -28% (-32% na transformação) contra o mesmo mês de 2019.

No entanto, os dados de junho indicam que o cenário para a indústria ainda é adverso, com 10 dos 25 setores da indústria de transformação anotando redução na casa de dois dígitos e apenas cinco setores (alimentos, bebidas, fumo, químicos de higiene e limpeza, farmoquímicos e farmacêuticos) apresentando crescimento contra junho/19.

A classe comercial apresentou a queda mais forte no consumo do 2º trimestre, com variação de -21,5%. Em termos de valor adicionado, o setor de serviços (inclui comércio) apresentou queda de 11,2%, puxado por transporte e correios, comércio e outros serviços. Em termos mensais, é possível notar que o período de queda mais intensa no comércio foi em abril, enquanto em junho o setor apresentou um crescimento suave de 0,5%, puxado pelo segmento de móveis e eletrodomésticos. No caso dos serviços, ainda se observa uma retração de dois dígitos em junho, sendo o principal destaque negativo as atividades de alojamento e alimentação e outros serviços prestados à família, indicando que o setor ainda sofre os efeitos da pandemia.

Diferentemente das demais classes, o consumo residencial cresceu 2,8% no 2º trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, o que pode ter sido reflexo das medidas de distanciamento, que aumentaram o período de permanência em casa e levaram à adoção da modalidade de *home office*. No entanto, os dados de mercado de trabalho da PNAD Contínua/IBGE para o 2º trimestre indicam que a taxa de desocupação no segundo trimestre foi de 13,3%, anotando uma elevação na comparação com o 1º trimestre (12,2%) e com o 2º trimestre do ano anterior (12%). Além disso, ainda que tenha acontecido uma elevação do rendimento médio real de 4,7% em relação ao 1º trimestre de 2020, a massa de rendimentos caiu 5,6% na mesma base de comparação. Esse agravamento da situação do mercado de trabalho em relação ao trimestre anterior pode ser explicado pelo fato de que, com a flexibilização das medidas de distanciamento social, as pessoas voltaram a buscar por emprego, o que aumenta a força de trabalho e faz com que aumente a taxa de desocupação.

Figura 1 | Brasil: Consumo na rede vs. atividade econômica



Fonte: IBGE (dados do PIB), BCB (dados do IBC-BR)



SETOR COMERCIAL E DE SERVIÇOS

Recuo acentuado do consumo de eletricidade no segundo trimestre

No segundo trimestre de 2020, o consumo nacional de energia elétrica do setor comercial e de serviços totalizou 17.823 GWh, montante 21,5% menor do que igual período no ano anterior. O consumo de eletricidade do setor também apresentou desempenho negativo no período de janeiro a junho (-11,4%) e no acumulado em 12 meses (-4,2%).

A classe comercial e de serviços foi uma das mais afetadas pelas medidas de controle da pandemia da COVID-19 no país, como o distanciamento social e o fechamento de parte do comércio e de serviços. De acordo com os dados da PMC/IBGE e PMS/IBGE, no 2º trimestre de 2020 em relação a 2019, o consumo no varejo e os serviços caíram 7,7% e 11,2%, respectivamente.

Todas as regiões e os estados do Brasil registraram taxa negativa no consumo de energia elétrica do setor comercial no 2º trimestre do ano.



A região Norte (-15,7%) apresentou intensa retração no consumo comercial de eletricidade no 2º trimestre, diferentemente do 1º trimestre do ano, onde havia demonstrado expansão no consumo. Em algumas cidades do Amazonas (-20,0%) e no Pará (-14,6%) foram adotadas restrições mais rígidas na circulação de pessoas (*lockdown*) em parte do período, afetando o comportamento da região no 2º trimestre de 2020.



O Nordeste (-24,6%) foi a região que demonstrou a menor taxa do consumo no 2º trimestre de 2020. Os mercados que mais contribuíram para o desempenho da região foram: a Bahia (-25,9%), Pernambuco (-25,7%), Rio Grande do Norte (-25,1%) e Ceará (-25,0%). O distanciamento social mais rígido foi adotado por alguns desses estados ou cidades da região, o que influenciou no comportamento da classe no período. Na Bahia, as temperaturas mais amenas e maior quantidade de chuvas também afetou a diminuição do consumo no estado.



O Sudeste (-23,2%) apresentou a segunda maior queda no consumo comercial do 2º trimestre no país, mantendo a trajetória de queda já anotada no 1º trimestre do ano. Os estados do Rio de Janeiro (-26,6%), Espírito Santo (-23,9%) e São Paulo (-22,4%) puxaram fortemente o encolhimento do consumo da região.



No Sul (-15,9%), as taxas no 2º trimestre do ano nos estados variaram de -16,9%, no Rio Grande do Sul a -14,4%, em Santa Catarina.



O consumo comercial no 2º trimestre de 2020 no Centro-Oeste caiu 19,3% comparado com o mesmo período do ano anterior. Goiás (-22,3%) e o Distrito Federal (-20,2%) impactaram a retração do consumo na região no trimestre. ■

Figura 2 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		1º Trimestre	2º Trimestre	1º Semestre
	NORTE	8,0%	-15,7%	-4,2%
	NORDESTE	0,0%	-24,6%	-12,2%
	SUDESTE	-4,1%	-23,2%	-13,2%
	SUL	-1,1%	-15,9%	-8,0%
	CENTRO-OESTE	-1,0%	-19,3%	-10,0%
	BRASIL	-2,1%	-21,5%	-11,4%

SETOR INDUSTRIAL

Quarta queda trimestral consecutiva da demanda industrial

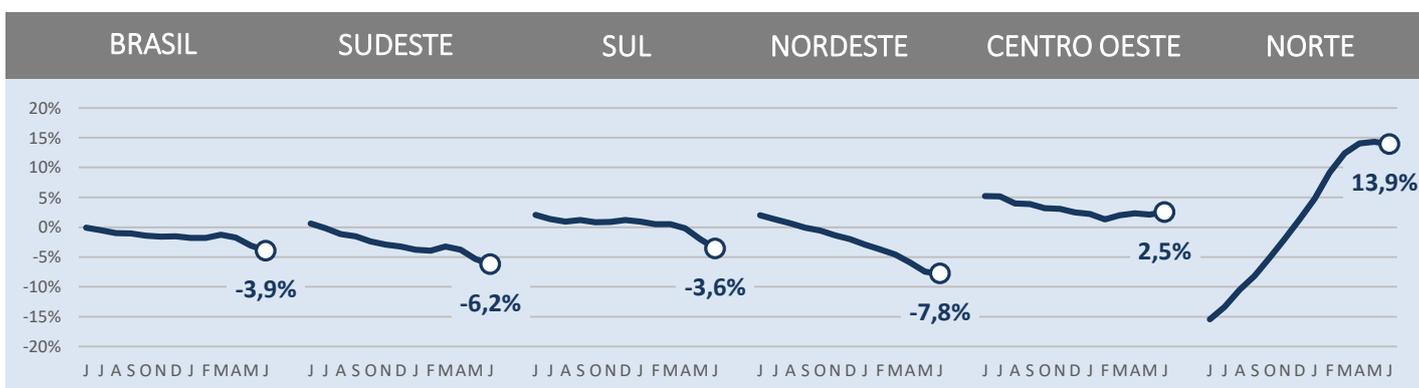
O consumo nacional de energia elétrica das Indústrias³ fechou o 2º trimestre de 2020 em 37 TWh, com um declínio de 11,8% sobre o mesmo período de 2019. É a quarta queda trimestral consecutiva da demanda industrial, muito influenciada pelo distanciamento social devido à pandemia da COVID-19 e iniciado na segunda quinzena de março na maior parte do país. É importante ressaltar que o cenário industrial brasileiro do 1º trimestre já vinha sugerindo uma manutenção do enfraquecimento da atividade econômica exibida desde 2019.

Este resultado também foi acompanhado pela Pesquisa PIM-PF/IBGE que anotou redução de 19,4% no 2º trimestre de 2020 (após cair 1,6% no 1º trimestre) e de 5,6% no acumulado de 12 meses fechado em junho. Em relações aos indicadores industriais do período, a ociosidade do parque produtivo permaneceu elevada em junho, em torno de 33% (FGV), mas com progressos em relação ao pico da pandemia em abril. No mesmo sentido, apesar dos Indicadores de Confiança da Indústria (FGV) ainda estarem distantes dos 100 pontos, indicando baixa confiança, os mesmos apresentaram uma evolução em relação ao pico da pandemia. A falta de demanda seguiu sendo o principal problema apresentado pela indústria brasileira no 2º trimestre, seguida da falta, ou alto custo, de matérias-primas e do crescimento da inadimplência dos clientes (CNI).



Entre as regiões, o destaque no 1º semestre do ano foi o Norte (+12,4%) influenciado pelo efeito estatístico de base baixa assinalado pela metalurgia dos metais não-ferrosos desde junho de 2019, quando planta eletrointensiva de alumínio primário retomou de modo gradual o seu nível de produção anterior às restrições ambientais impostas em 2018. Todavia, o resultado da região poderia ter sido melhor se não fosse o incêndio que aconteceu em março em um transformador da mesma unidade produtiva e que reduziu a sua capacidade operacional em 25% até maio.

Figura 3 | Brasil e Regiões: Séries de taxas do acumulado de 12 meses do consumo industrial 2019-2020.



³ Consumo via rede elétrica. Não inclui autoprodução não-injetada na rede.

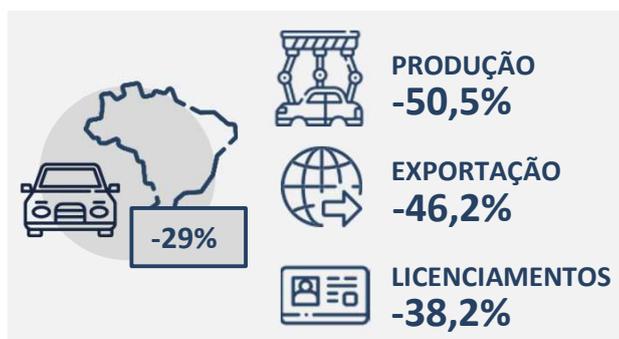
Figura 4 | Brasil: Consumo Industrial por setor – Taxas trimestrais



Em outro sentido, a siderurgia puxou para baixo o resultado da metalurgia (+0,3%) no 1º semestre, com o desligamento de 13 altos-fornos pelo país, o que contribuiu para os recuos da produção de aço-bruto (-17,9%), laminados (-13,7%) e semiacabados para vendas (-12,2%), de acordo com IABr.



O ramo alimentício, associado ao agronegócio, cresceu 1,2% no período, sobretudo por avanços do Sul (+4,0%) e do Centro-Oeste (+4,5%).



O segmento automotivo registrou queda de 29,0% no consumo do 1º semestre, tornando-se a queda mais expressiva entre os dez setores mais eletrointensivos da indústria. Segundo a ANFAVEA, a crise ocasionada pela pandemia da COVID-19 foi a maior enfrentada pelo ramo automotivo desde os anos 80, ocasionando a paralisação de quase todas as fábricas do país em abril, o que representou o menor nível de produção mensal de toda a série histórica monitorada pela associação desde 1957. Em relação aos resultados do 1º semestre, houve declínios da produção (-50,5%), das exportações (-46,2%) e dos licenciamentos (-38,2%).

Por fim, o segmento químico (-7,1%), terceiro maior consumidor industrial de eletricidade do país, contribuiu bastante com o recuo do consumo do Nordeste (-15,6%) no 1º semestre do ano, se sobressaindo as restrições operacionais das plantas de soda-cloro e de diclorometano em Alagoas, onde a Braskem já informou que pretende mudar a sua estratégia de obtenção de matéria-prima, optando pelo sal marinho de terceiros ao invés da extração de sal-gema na região. É importante destacar também a paralisação definitiva em abril de planta de soda-cloro da empresa em Camaçari/BA, em razão do fim da sua vida útil (estava operando desde 1979). ■



SETOR RESIDENCIAL

Consumo de eletricidade aumenta nas residências

O consumo de eletricidade nas residências do país aumentou 2,8% no 2º trimestre de 2020. Ao longo do ano, o aumento até então foi de 1%.

Ao crescer 2,8%, em relação a igual período do ano anterior, o consumo residencial mostrou aceleração na passagem para o 2º trimestre. Com esse desempenho o montante consumido de janeiro a junho superou em 1% o de 2019.

Em quase todas as regiões do país observou-se o crescimento mais forte do consumo no 2º trimestre, período que abarca completamente o contexto da pandemia da COVID-19 na economia e na vida das pessoas. Na região Norte, apesar de não se notar aceleração, o crescimento no trimestre foi um dos mais altos, juntamente com o Nordeste.

De acordo com a pesquisa Pnad Contínua COVID-19, implementada pelo IBGE para acompanhamento dos efeitos da pandemia, foram nas regiões Norte e Nordeste onde se verificou o maior percentual de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social (em torno de 20% da população ocupada em junho), bem como de domicílios (cerca de 60%) que receberam o auxílio emergencial concedido à parte da população como forma de atenuar o impacto da pandemia sobre a renda.

Nesse momento em que as pessoas tiveram que ficar mais tempo em casa, houve um aumento nas vendas de eletrodomésticos, nos primeiros meses do trimestre restrito a alguns estados, mas generalizado em junho por todas as regiões (PMC/IBGE), provavelmente motivadas pelo desejo de maior conforto ou por necessidades associadas ao *home office*.

Figura 5 | Brasil: Variação do consumo de eletricidade no trimestre sobre igual período do ano anterior

		1º Trimestre	2º Trimestre	1º Semestre
	NORTE	10,9%	7,2%	9,0%
	NORDESTE	3,1%	6,5%	4,8%
	SUDESTE	-3,7%	-0,7%	-2,3%
	SUL	-1,4%	5,3%	1,6%
	CENTRO-OESTE	3,0%	5,2%	4,1%
	BRASIL	-0,6%	2,8%	1,0%

Os principais movimentos nas regiões brasileiras em termos de consumo da classe residencial de eletricidade foram os seguintes:



Na região Norte (7,2%), o desempenho do consumo residencial de eletricidade no trimestre deu continuidade à trajetória de forte crescimento iniciada desde janeiro, devido principalmente ao mercado do Pará, onde o consumo cresceu 11% até junho.



Na maior parte dos estados do Nordeste (6,5%), o crescimento do consumo no 2º trimestre foi maior do que 1º trimestre do ano. Entre os maiores mercados regionais, as taxas mais altas de crescimento ocorreram no Ceará (9,5%) e no Maranhão (8%). Na Bahia (2%), o crescimento ficou abaixo da média regional. As condições climáticas, sobretudo na capital, com temperaturas mais baixas e maior volume de chuvas, estão entre os fatores que contribuíram para esse desempenho mais fraco no estado.



Apesar da região Sudeste ainda apresentar patamar de consumo inferior ao de 2019, a retração verificada no 2º trimestre (-0,7%) foi menos intensa do que no 1º trimestre. Essa melhora se deu principalmente em razão do desempenho de São Paulo (-0,8%) e Rio de Janeiro (-3,9%), embora somente em Minas Gerais (4%) tenha havido aumento no consumo no trimestre.



No Sul (5,3%), o forte aumento do consumo residencial ocorrido tanto em Santa Catarina (8,9%) como no Paraná (5,1%) não foi observado no Rio Grande do Sul (3%).



No Centro-Oeste (5,2%), as taxas variaram de 4,4%, em Goiás, a menor da região, até 7% no Distrito Federal. Mato Grosso (5,1%), mesmo com crescimento em menor ritmo no 2º trimestre, continua com o melhor desempenho na região no ano (6,4%). ■

Coordenação Geral

Giovani Vitória Machado

Coordenação Executiva

Carla C. Lopes Achão

Coordenação Técnica

Arnaldo dos Santos Junior

Glauco Vinicius Ramalho Faria

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Flávio Raposo de Almeida

Lena Santini Souza Menezes Loureiro

Lidiane de Almeida Modesto

Marcelo Henrique Cayres Loureiro

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas neste informe, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Dúvidas podem ser endereçadas ao e-mail copam@epe.gov.br



Para saber mais, acesse os seguintes dados na íntegra:

Resenha Mensal do Mercado de Eletricidade (<https://bit.ly/3e05DZu>)

Séries históricas de consumo mensal (<https://bit.ly/2LFHxqM>)